

## **GÊNERO E AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Diogo Campos Billé  
Universidade Federal de Lavras  
diogo.bille1@estudante.ufla.br

Paulo Henrique Arcas  
Universidade Federal de Lavras  
paulo.arcas@ufla.br

A discussão sobre gênero e sua influência nos processos de avaliação na educação básica é um tema de grande relevância e provoca intensos debates no campo da avaliação educacional. Pesquisas sobre a temática têm evidenciado existirem diferenças na atuação dos professores e professoras que consideram que meninas e meninos apresentam comportamentos distintos demarcados pelos estereótipos de gênero socialmente construídos.

Para Fernandes e Freitas (2007), as decisões que envolvem as práticas avaliativas no espaço escolar ficam sob a responsabilidade dos docentes, o que faz com que o peso da avaliação recaia apenas sobre eles, mesmo que a tarefa de avaliar seja definida por critérios previamente estabelecidos de forma coletiva. Esse papel de avaliador dos docentes faz com que a avaliação seja “uma atividade que envolve legitimidade técnica e legitimidade política na sua realização”. Ou seja, “quem avalia, o avaliador, [...] deve realizar a tarefa com a legitimidade técnica que sua formação profissional lhe confere” (Fernandes; Freitas, 2007, p.17).

Contudo, os mesmos autores enfatizam que a legitimidade técnica e política nem sempre prevalecem nos processos de avaliação, pois muitas vezes a avaliação sofre influência de critérios subjetivos que promovem juízos de valor que interferem na relação professor-aluno. Dessa forma, Fernandes e Freitas (2007) argumentam que a definição de avaliação escolar envolve diversos aspectos, como o conhecimento aprendido pelo estudante, seu desenvolvimento, comportamento, valores e atitudes. Enquanto alguns desses aspectos são avaliados de forma formal, através de provas, outros são avaliados de maneira informal, por meio de conversas e observações no cotidiano da sala de aula.

Sendo assim, é essencial reconhecer a complexidade dos critérios avaliativos, que frequentemente incorporam juízos de valor subjetivos, influenciando a dinâmica da

relação entre professores e alunos. Conforme Carvalho (2001), esses “pré-juízos” de valor estão intimamente relacionados com as concepções de gênero, masculino e feminino, presentes na sociedade e, portanto, podem se ver refletidas nas concepções e práticas de avaliação dos professores. Para tanto, a temática das diferenças na avaliação de meninas e meninos é de grande importância e requer uma abordagem crítica e reflexiva para que a avaliação seja justa e igualitária para todos os estudantes, independentemente de seu gênero ou de outras características pessoais.

A questão-problema em pauta é: o papel rotulador dado por docentes de que meninas e meninos possuem comportamentos diferentes, devido ao fator “feminilidade” e “masculinidade”, pode afetar os processos e resultados avaliativos? Do ponto de vista científico, a pesquisa proposta contribuirá para a compreensão dos fatores que influenciam a prática avaliativa desenvolvida na sala de aula e como esses fatores podem afetar os resultados dos processos de avaliação e, conseqüentemente, a aprendizagem das crianças.

Este resumo expandido contempla parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que busca examinar de que maneira as questões de gênero podem influenciar os critérios de avaliação adotados pelos docentes que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa é classificada como um estudo qualitativo de cunho exploratório, sendo realizada uma revisão de literatura a partir de levantamento bibliográfico e, para coleta de dados, foi adotado as técnicas de observação do contexto escolar de uma escola municipal, os quais foram registrados em um diário de campo.

Nesses registros foram documentadas as ações desempenhadas pelos docentes durante o processo de ensino-aprendizagem, com especial ênfase na etapa de avaliação. Após a conclusão das observações em sala de aula, serão conduzidas entrevistas individuais com os(as) professores(as) cujas turmas foram objeto da observação. Por fim, será feita a análise dos dados coletados a partir da análise de conteúdo de Bardin e de Franco.

A forma como as instituições educacionais abordam questões de gênero tem implicações profundas para o desenvolvimento pessoal, social e acadêmico dos alunos. Discutir gênero é reconhecer que as interações humanas são mediadas por construções sociais e culturais baseadas no sexo biológico, definindo identidades, expressões e orientações diversas. Essas construções moldam as relações sociais, influenciando

dinâmicas de poder históricas e socioculturais entre mulheres, homens e outras identidades de gênero e orientações sexuais (Carvalho, 2012).

Desde a primeira infância, o sistema educacional, junto com a família, desempenha um papel fundamental na socialização das pessoas, transmitindo conhecimentos em diversas áreas da vida. No entanto, a educação também pode reproduzir lógicas sociais que nem sempre favorecem o desenvolvimento pleno de todos os indivíduos (Carvalho, 2001). É nesse ponto que os estereótipos de gênero se tornam um desafio crítico.

Os espaços educativos contribuem para a construção de identidades diferenciadas para homens e mulheres, impondo normas sobre o que é considerado apropriado, permitido e valorizado para cada gênero. Quando sustentada por estereótipos e preconceitos, cria-se um ambiente que acentua as desigualdades em diversos aspectos, como currículos, interações entre professores e alunos, materiais pedagógicos, atividades e espaços de participação. Tais influências afetam a aquisição de conhecimento e a formação de identidades e aspirações dos alunos ao longo de sua trajetória educacional (Carvalho, 2012).

O ambiente escolar é um espaço fundamental na vida das crianças, onde elas são introduzidas a novos conhecimentos e experiências. É nesse contexto que se inicia uma complexa interação entre o desenvolvimento individual e as influências sociais e culturais. Segundo Bento (2011), desde antes do nascimento, as expectativas de gênero começam a moldar as interações e as percepções das pessoas em relação ao indivíduo que está por vir. A descoberta do sexo biológico frequentemente desencadeia uma série de projeções e expectativas, estabelecendo desde cedo normas e padrões que podem limitar as possibilidades de expressão e escolha das crianças.

Além disso, Louro (1997) aponta que as concepções tradicionais de masculinidade e feminilidade estão intimamente ligadas ao binarismo de gênero, onde o órgão genital é visto como determinante da identidade e do comportamento esperado. Essas normas culturais, ao serem incorporadas desde a infância, reforçam uma visão limitada e excludente das possibilidades de expressão de gênero, consolidando a hierarquização e as desigualdades entre os sexos. Por exemplo, meninas são incentivadas a brincar de bonecas, enquanto meninos são direcionados a esportes, estabelecendo desde cedo papéis sociais distintos e desiguais.

Ao reconhecer e confrontar as desigualdades de gênero, a educação tem o potencial de se tornar um agente transformador, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e respeitosa, onde cada indivíduo possa desenvolver-se plenamente. Para isso, a tarefa que se apresenta é desafiadora, mas é por meio de uma educação crítica e inclusiva que podemos aspirar a um futuro em que a igualdade de gênero seja não apenas um ideal, mas uma realidade vivida por todos. Por fim, espera-se obter respostas que permitam alcançar os objetivos propostos e confirmar ou não a hipótese de que os estereótipos de gênero presentes nas concepções e práticas de avaliação dos docentes afetam os processos e resultados da avaliação escolar.

### **Referências**

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549–559, maio, 2011.

CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos feministas*, ano 09, 2º semestre, 2001.

CARVALHO, M. P. Teses e dissertações sobre gênero e desempenho escolar no Brasil (1993- 2007): um estado da arte. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 147-162, abr. 2012.

FERNANDES, C. O.; FREITAS, L. C. **Indagações sobre o currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.